BOCA
BOLETIM DE CONJUNTURA

OS AGENTES QUE INFLUENCIAM A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DOS ALUNOS

THE AGENTS THAT INFLUENCE THE CONSTRUCTION OF STUDENTS' HISTORICAL CONSCIOUSNESS

LOS AGENTES QUE INFLUYEN EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA CONCIENCIA HISTÓRICA DE LOS ESTUDIANTES

10.56238/bocav25n79-021

Amável Fradique Ngolo
Mestre em Ensino da História
Instituição: Instituto Superior de Ciências de Educação do Huambo
E-mail: ngologalileu@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-8279-3530

RESUMO
O presente estudo teve como objectivo identificar os agentes que influenciam a construção da consciência histórica dos estudantes do quarto ano do curso de Ensino de História do Instituto Superior de Ciências da Educação do Huambo (ISCED-Hbo), no contexto do ensino superior angolano. A investigação resultou da observação, em contexto de sala de aula, de que os estudantes constroem narrativas históricas a partir de múltiplas fontes para além da escola, o que coloca desafios relevantes à prática pedagógica no ensino da História. Do ponto de vista metodológico, adotou-se uma abordagem qualiquantitativa, de carácter exploratório, descritivo e teórico-prático. Recorreu-se à consulta bibliográfica, à aplicação de questionários a estudantes e docentes, à observação directa das aulas e ao tratamento estatístico dos dados. A amostra foi constituída por 27 estudantes e 6 professores do curso de Ensino de História. Os resultados evidenciam que a escola é percepcionada como o principal agente na formação da consciência histórica dos estudantes, destacando-se o papel do professor e a organização do processo de ensino e aprendizagem. Contudo, verifica-se igualmente a influência de outros agentes, nomeadamente a família, a comunidade, a religião, os meios de comunicação social, os monumentos e sítios históricos, a internet e as instituições culturais. Os dados empíricos demonstram que a construção da consciência histórica é um processo complexo, dinâmico e plural, no qual a escola desempenha um papel central, embora não exclusivo, sendo fundamental que os docentes integrem criticamente as influências extraescolares no ensino da História.

Palavras-chave: Consciência Histórica. Agentes. Formação. Alunos.

ABSTRACT
The present study aimed to identify the agents that influence the construction of historical consciousness among fourth-year students of the Ensino de História programme at the Instituto Superior de Ciências da Educação do Huambo (ISCED-Hbo), within the context of Angolan higher education. The research emerged from classroom observations showing that students construct historical narratives from multiple sources beyond the school, which poses significant challenges to pedagogical practice in History teaching. From a methodological perspective, a quali-quantitative

approach of an exploratory, descriptive, and theoretical-practical nature was adopted. The study involved bibliographical research, the application of questionnaires to students and lecturers, direct classroom observation, and statistical data analysis. The sample consisted of 27 students and 6 lecturers from the Ensino de História programme. The results indicate that the school is perceived as the main agent in the formation of students' historical consciousness, with particular emphasis on the role of the teacher and the organisation of the teaching and learning process. However, the influence of other agents is also evident, namely the family, the community, religion, the media, monuments and historical sites, the internet, and cultural institutions. Empirical data demonstrate that the construction of historical consciousness is a complex, dynamic, and plural process in which the school plays a central, though not exclusive, role. Therefore, it is essential that teachers critically integrate extra-school influences into the teaching of History.

Keywords: Historical Consciousness. Agents. Education. Students.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo identificar los agentes que influyen en la construcción de la conciencia histórica de los estudiantes del cuarto año del curso de Ensino de História del Instituto Superior de Ciências da Educação do Huambo (ISCED-Hbo), en el contexto de la educación superior angoleña. La investigación surge a partir de la observación en el aula de que los estudiantes elaboran narrativas históricas a partir de múltiples fuentes más allá del ámbito escolar, lo que plantea desafíos relevantes para la práctica pedagógica en la enseñanza de la Historia. Desde el punto de vista metodológico, se adoptó un enfoque cualitativo-cuantitativo, de carácter exploratorio, descriptivo y teórico-práctico. Los datos se obtuvieron mediante la revisión bibliográfica, la aplicación de cuestionarios a estudiantes y docentes, la observación directa de las clases y el tratamiento estadístico de la información. La muestra estuvo compuesta por 27 estudiantes y 6 docentes del curso de Ensino de História. Los resultados muestran que la escuela es percibida como el principal agente en la formación de la conciencia histórica de los estudiantes, destacándose el papel del docente y la organización del proceso de enseñanza-aprendizaje. No obstante, también se evidencia la influencia de otros agentes, tales como la familia, la comunidad, la religión, los medios de comunicación, los monumentos y sitios históricos, Internet y las instituciones culturales. El estudio concluye que la construcción de la conciencia histórica es un proceso complejo, dinámico y plural, en el que la escuela desempeña un papel central, aunque no exclusivo, siendo fundamental que los docentes integren de manera crítica las influencias extraescolares en la enseñanza de la Historia.

Palabras clave: Conciencia Histórica. Agentes. Formación. Estudiantes.

1 INTRODUÇÃO

Aquando das nossas actuações em sala de aulas com os estudantes do quarto ano do curso de Ensino de História observou-se que eles construiam narrativas históricas com base em múltiplas fontes de obtenção do conhecimento, o que apontava para a existência de multiplos agentes que intervêm na formação da sua consciência histórica. Porém, embora tal diversidade de agentes possa ser considerada enriquecedora, ela levanta desafios significativos para os professores das disciplinas de História, dentre os quais: a presença de preconceitos, mitos ou crenças equivocadas sobre os eventos históricos que os alunos transportam para o espaço pedagógico, a detecção de lacunas na compreensão dos processos históricos; os condicionalismos socioculturais dos contextos de origem dos alunos, que influenciam a sua leitura e interpretação dos acontecimentos históricos, bem como o papel estruturante das práticas pedagógicas e formas de organização de ensino. Neste cenário complexo e multifactorial, tornou-se pertinente determinar quais os agentes que efectivamente influenciam a construção da consciência histórica dos estudantes. Assim sendo, formulou-se o seguinte problema de investigação: **Quais são os agentes que influenciam a construção da consciência histórica dos estudantes do quarto ano do curso de Ensino de História do Instituto Superior de Ciências de Educação do Huambo do ano académico 2024/2025?**

Em função do problema identificado, delinearam-se as seguintes questões de investigação:

1- Que fundamentos teóricos existem sobre os agentes que intervêm na formação da cosnciência histórica dos alunos?
2- Como identificar os agentes que intervêm na formação da consciência histórica dos alunos?

Tendo em atenção o problema identificado e as questões de investigação delinearam-se os seguintes objectivos de pesquisa:

- **Objectivo Geral:** Determinar os agentes que intervêm na formação da consciência histórica dos alunos.
- **Objectivos Específicos:**

1. Fundamentar teoricamente o conceito de consciência histórica no âmbito da educação histórica;
2. Identificar, através da aplicação de questionários e da observação sistemática de aulas, os factores contextuais e pedagógicos que influenciam a construção da consciência histórica dos estudantes.

Para alcançar os objectivos propostos e dar resposta ao problema científico formulado, optou-se por uma abordagem metodológica de natureza qualiquantitativa, recorrendo a métodos e técnicas como a pesquisa bibliográfica, a aplicação de questionários, a observação sistemática e o tratamento estatístico dos dados recolhidos**.** Relativamente a estrutura do artigo ele está composto por uma intrudução, pelo quadro metodológico, pelos aportes teóricos, pelos resultados e discussão, bem como pelas considerações finais.

2 QUADRO METODOLÓGICO

A presente investigação foi realizada no Instituto Superior de Ciências da Educação do Huambo (ISCED-Hbo), localizado no município sede da província do Huambo, especificamente no Bairro Académico, na Avenida Alioune Bloundy Mbeye (Chipepe, 2025). A instituição forma professores para o ensino primário, secundário e superior, em cursos de graduação e pós-graduação em áreas, como Ensino de Língua Portuguesa, Ensino de Biologia, Ensino de História, Ensino de Língua Inglesa, Ensino de Geografia, Ensino de Química, Ensino de Matemática e Ensino de Física (Chipepe, 2025). Esta caracterização é essencial para compreender o contexto educacional e social da população em estudo, composta por estudantes e docentes da instituição. A sua situação geográfica faz com que o ISCED-Hbo seja um polo de formação que recebe estudantes de diferentes regiões da província e até de outras áreas do país. Isso garante uma diversidade de perspectivas históricas e culturais que podem influenciar o modo como a história é vivida e interpretada pelos estudantes naquele contexto.

2.1 MODELO DE PESQUISA

Para determinar os agentes que influenciam a construção da consciência histórica dos estudantes será utilizada uma abordagem qualitativa com elementos quantitativos, pelo que o modelo da pesquisa será qualiquantitativo (também designado misto).

A opção pela pesquisa qualiquantitativa é vantajosa, pois segundo Creswell (2014), "a combinação de métodos qualitativos e quantitativos enriquece a compreensão de fenómenos complexos" (p.15). Assim sendo, impõe-se, pois formular uma questão aparentemente simples, mas revestida de enorme significado: o que é a pesquisa qualiquantitativa? Parafraseando Pocinho e Matos (2022) a investigação qualiquantitativa é a investigação que procura articular os métodos estatísticos com a análise interpretativa, permitindo validar hipóteses e compreender os significados atribuídos pelos participantes. As suas principais características são. Este entendimento também é confirmado por Creswell (2014) quando afirma que "uma pesquisa mista (qualiquantitiva) combina as forças dos métodos qualitativos e quantitativos, ampliando a compreensão de contextos complexos" (p.15).

2.2 TIPO DE PESQUISA

Quanto ao tipo de pesquisa, trata-se de uma pesquisa exploratória, com elementos descritivos e de natureza teórico-prática**.** Segundo Oliveira (2018)**,** "A pesquisa exploratória é o tipo de pesquisa realizada quando o tema escolhido é pouco explorado, sendo difícil a formulação e operacionalização de hipóteses. Muitas vezes, esse tipo de estudo se constitui em um primeiro passo para a realização de uma pesquisa mais aprofundada" (p.5). Para Cervo (2007), "As pesquisas exploratórias têm por objectivo familiarizar-se com o fenómeno ou obter uma nova percepção dele e descobrir novas ideias" (p.65). Asssim sendo, a presente pesquisa é exploratória, pois visa conhecer e aprofundar um campo

de estudo ainda pouco investigado, permitindo compreender as categorias de consciência histórica entre os estudantes. Segundo Gil (2008) "a pesquisa descritiva é utilizada com o objectivo de descrever as características de determinada população ou fenómeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis" (p.28). Ou seja, ela não interfere no ambiente estudado, apenas colecta dados para compreendê-lo melhor. Neste sentido, a presente pesquisa é descritiva porque pretende identificar, os agentes que actuam na formação da consciência histórica dos estudantes.

Segundo Demo (2000), "a pesquisa teórico-prática é aquela que não se contenta com a especulação teórica, mas busca na prática a verificação, a aplicação e a reconstrução do saber" (p.45). Minayo (2001) também reforça essa ideia ao afirmar que "a pesquisa social de cunho teórico-prático é aquela que, além de interpretar a realidade, busca transformá-la, articulando conhecimento científico com acção concreta" (p.24). A investigação teórico-prática visa, portanto, compreender o fenómeno à luz da teoria e observar como ele se manifesta na prática, numa relação dialéctica que valoriza tanto o conhecimento conceptual como a experiência empírica (Marconi & Lakatos, 2009). Neste sentido, a presente pesquisa é teórico-prática porque combina duas dimensões fundamentais da investigação académica: a reflexão conceptual (teórica) e a observação empírica (prática).

A presente investigação assume uma natureza teórico-prática por articular uma fundamentação conceptual rigorosa com a aplicação directa de instrumentos de recolha e análise de dados empíricos no contexto educativo. A componente teórica sustenta-se na abordagem epistemológica sobre a consciência histórica, com base em diversos autores que abordaram sobre os agentes que actuam na formação da consciência histórica dos alunos. Simultaneamente, a dimensão prática concretiza-se na recolha e interpretação de dados reais através de questionários e observações em sala de aula e análise documental.

2.3 MÉTODOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Na presente pesquisa foram utilizados os seguintes métodos: métodos teóricos e métodos empíricos. Segundo Jung (2009) "os métodos teóricos são utilizados para a análise de conceitos, formulação de hipóteses e construção de modelos explicativos, sem a necessidade de validação empírica imediata" (p.45). Neste sentido, a presente pesquisa teve como método teórico a consulta bibliográfica. No âmbito deste estudo, cujo objectivo foi determinar os agentes que actuam na construção da consciência histórica dos alunos, recorreu-se ao método de consulta bibliográfica como instrumento essencial para a construção do enquadramento teórico e para a compreensão aprofundada do conceito central.

A consulta bibliográfica possibilitou estabelecer comparações metodológicas e validar os instrumentos utilizados no presente estudo. Com base nessa revisão, foram elaborados e aplicados instrumentos que respeitaram os princípios epistemológicos da teoria em análise. Deste modo, o

método bibliográfico não se limitou à fundamentação teórica, tendo desempenhado um papel activo na definição da metodologia e na análise dos resultados, assegurando o rigor científico e a coerência conceptual da investigação.

Métodos empíricos são formas de adquirir conhecimento baseadas na observação directa**,** experiência prática e experimentação**.** Eles se opõem aos métodos puramente teóricos ou especulativos, pois dependem de dados concretos e verificáveis. Assim sendo, na presente pesquisa foram utilizados os seguintes métodos empíricos: o questionário e a observação directa.

No âmbito da presente investigação, foi aplicado um questionário de perguntas fechadas aos estudantes, com o propósito de recolher dados empíricos que permitissem identificar os factores contextuais e pedagógicos que influenciam a construção da sua consciência. Este instrumento revelou-se adequado para captar informações sobre o ambiente social e educativo em que os estudantes se inserem e o modo pelo qual influenciam a suas interpretações dos eventos históricos.

Simultaneamente, foi aplicado um questionário de perguntas fechadas e abertas aos professores, com o intuito de recolher dados sobre os agentes que, na perspectiva, deles contribuem para a formação da consciência histórica dos estudantes. Este instrumento permitiu, ainda, compreender de que forma os docentes estruturam o processo de ensino e aprendizagem, quais as estratégias pedagógicas privilegiam. A aplicação dos questionários em ambos os grupos possibilitou uma análise comparativa entre as percepções dos estudantes e dos professores, enriquecendo a interpretação dos dados e permitindo uma triangulação metodológica que reforça a validade dos resultados obtidos.

O método de observação foi aplicado durante as observações de aulas, a sua funcionalidade foi garantida através da utilização de um instrumento de observação de aulas, com o propósito de recolher dados empíricos sobre a influência das formas de organização do processo de ensino/aprendizagem na construção da consciência histórica dos estudantes. A observação directa em contexto de sala de aula permitiu analisar, de forma sistemática, as práticas pedagógicas dos docentes, as estratégias e recursos utilizados, a dinâmica das interacções e os modos como os conteúdos históricos são apresentados e discutidos. Para além disso, este instrumento possibilitou o registo das intervenções dos estudantes, permitindo identificar as narrativas históricas que constroem espontaneamente durante as actividades lectivas o que permitiu determinar os agentes que influenciam a sua construção.

A observação, enquanto técnica complementar ao questionário, reforçou a triangulação metodológica da investigação, conferindo maior profundidade e validade aos dados obtidos.

Tendo por base os dados recolhidos através da aplicação de questionários aos estudantes e professores, foi utilizado o método estatístico como técnica de análise quantitativa. Recorreu-se a elaboração de gráficos, o que permitiu identificar padrões recorrentes nas respostas e visualizar, de forma clara e sistemática, as tendências observadas. A análise estatística permitiu ainda relacionar os

dados com variáveis contextuais, como o nível de ensino, o meio social e as práticas pedagógicas, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos factores que influenciam a formação da consciência histórica. O tratamento estatístico dos dados reforçou a validade empírica da investigação, ao oferecer uma representação objectiva dos resultados e ao permitir a sua articulação com os dados obtidos por meio de instrumentos como a observação de aulas.

2.4 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO E DA AMOSTRA

A população da presente pesquisa é constituída por dois estratos populacionais relevantes no contexto académico em análise. O primeiro estrato corresponde ao grupo de docentes que leccionam disciplinas de História no curso de ensino de História do ISCED-Huambo, composto por 8 professores, e o segundo refere-se ao grupo de estudantes do quarto ano do curso de ensino de História, que integra 40 indivíduos da mesma instituição de ensino.

Ao incluir o grupo de professores como subconjunto populacional transformou-se o presente estudo em um estudo mais robusto e abrangente. Isso enriqueceu a análise, fornecendo perspectivas complementares sobre a consciência histórica dos estudantes, visto que os professores desempenham um papel significativo na formação da consciência histórica dos mesmos por meio de sua prática pedagógica e conteúdos trabalhados em sala de aula. Com o objectivo de garantir a representatividade dos dois grupos e assegurar a fiabilidade dos dados recolhidos, foi utilizada a técnica de amostragem estratificada aleatória**.** Ela consistiu na divisão da população em estratos homogéneos e, posteriormente, na seleção aleatória de elementos em cada estrato (Gil, 2010). Este processo contribui para reduzir possíveis vieses, permitindo que diferentes segmentos da população estejam adequadamente representados na amostra. No estrato, dos professores, foram selecionados 6 participantes, representando 75% desse grupo. Relativamente aos estudantes, a amostra foi composta por 27 indivíduos, o que equivale a 67,5% do respectivo estrato. A amostra total inclui, assim, 33 participantes, o que corresponde a cerca de 68,75% da população global, composta por 48 elementos. Esta abordagem metodológica contribui para uma análise mais abrangente e rigorosa, ao considerar as especificidades de cada subgrupo envolvido na investigação (Lakatos e Marconi, 2003).

Tabela 1: Distribuição da População e Amostra por Estrato

Estrato	**População (nº)**	**Amostra** (nº)	**Porcentagem (%)**
Estudantes	40	27	67,5%
Professores	8	6	75%
Total	48	33	68,75%

Fonte: Autor.

3 APORTE TEÓRICO

3.1 CONCEITOS

Nesta secção foram explorados e esclarecidas algumas definições de conceitos fundamentais para a compreensão aprofundada do tema em estudo, com base na bibliografia consultada. Entre os principais conceitos abordados destacam-se: consciência histórica, narrativa histórica. A delimitação e análise destes termos permitiu construir um enquadramento teórico sólido, essencial para orientar as reflexões e interpretações ao longo da investigação. Assim sendo, comecemos com a definição de consciência histórica.

No sentido restrito, a consciência histórica é o modo pelo qual uma sociedade ou indivíduo compreende ou interpreta o passado, liga-o ao presente e imagina o futuro. Ela manifesta-se através das narrativas históricas que os sujeitos constroem. Apegando-se em Rusen (2001), a consciência histórica representa o modo como pensamos sobre o passado e usamos essa reflexão para guiar as nossas decisões e acções. Não se trata apenas de conhecer factos históricos, mas sim de interpretar acontecimentos, dar-lhes sentido e aprender com eles para construirmos a nossa identidade e orientarmos a nossa vida. Como o próprio autor afirma, trata-se da "soma das operações mentais com as quais os seres humanos interpretam a evolução temporal do seu mundo e de si próprios, de forma a poderem orientar intencionalmente a sua vida prática no tempo" (Rusen, 2001, p. 57). Não obstante a definição de Jorn Rusen, citar-se-á a de outros autores:

- Barca (2007) baseando-se em Rusen alude que "a consciência histórica é a atitude ou a maneira de orientação de cada pessoa no seu tempo, sustentada reflectidamente pelo conhecimento da História" (p.116).
- Freitas (2010) considera que "a consciência histórica é um conjunto de representações do passado sob múltiplas perspectivas, expressas através das produções culturais, em termos materiais (documentos, monumentos, rituais, hinos, comemorações, etc.) ou através de sentimentos (orgulho, crença. Etc.) " (p.59).
- Schmidt (2010) afirma que "a consciência histórica não pode ser meramente equacionada como simples conhecimento do passado. A consciência histórica será algo que ocorre quando a informação histórica, progressivamente interiorizada, torna-se parte da ferramenta mental do sujeito e é utilizada, com alguma consistência, como orientação no quotidiano" (p.16).

Atente-se que o conceito consciência histórica tem gerado enormes debates e tem sido definido de diferentes maneiras, mas fica assente o pressuposto de que a consciência histórica condiciona a orientação do homem no seu tempo fundamentada sobre a interpretação que as sociedades humanas e ou os homens fazem sobre o passado.

Relativamente a narrativa histórica, ela é face material da consciência histórica. Pois, conforme salienta Schmidt (2010) "é através da análise de uma narrativa histórica que ganha-se acesso ao modo

como o seu autor concebe o passado e utiliza as suas fontes, bem como, aos tipos de significância e sentidos de mudança que atribui à história" (p.12). A narrativa histórica, neste sentido, espelha necessariamente um certo tipo de consciência histórica, pois a partir dela é possível perceber a formar com que o sujeito compreende ou interpreta o passado e o utiliza no seu quotidiano. É em função disso que, quando se tenciona estudar a consciência histórica dos estudantes, deve-se prestar atenção a forma pela qual eles constroem as suas narrativas históricas, isto é, nas explicações que fazem sobre os eventos históricos. A narrativa histórica pode ser narrada (falada), escrita ou gestual. Segundo Rusen (2001) "a narrativa histórica é uma forma de dar sentido ao tempo por meio da construção de histórias que conectam o passado, o presente e o futuro" (p.5). O mesmo acresce que "a narrativa histórica não é apenas uma ferramenta académica, é também um meio de orientação cultural e social" (Rusen,2001, p.5).

Para Heller (1993) "a narrativa histórica é o meio pelo qual a consciência histórica se manifesta, conectando eventos e experiências em uma estrutura compreensível" (p.22). Além disso, acresce que "a narrativa histórica não apenas registra eventos, mas os organiza em uma estrutura que dá sentido ao passado" (Heller, 1993, p.25). Para Gadamer (1989) "as narrativas históricas são actos de interpretação, onde o narrador busca dialogar com o passado e deste modo, a história nunca é dada em sua totalidade, mas é sempre objecto de construção narrativa que reflecte o horizonte do intérprete" (p.105). As narrativas históricas desempenham um papel central na construção da memória histórica e da identidade cultural, em função disso, conforme diz Ferro (1981) "elas são instrumentos de poder, frequentemente moldados por interesses políticos e sociais" (p. 23). Não obstante, Heller (1982) alude que "cada narrativa histórica reflecte uma perspectiva particular, muitas vezes em conflito com outras narrativas" (p.67). Deste modo, diferentes grupos podem produzir versões contrastantes dos mesmos eventos históricos em função dos seus valores e interesses.

3.2 AGENTES QUE INFLUENCIAM A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DOS ESTUDANTES

A formação da consciência histórica nos estudantes é influenciada por múltiplos agentes, cujas interacções moldam a forma como eles compreendem, interpretam e atribuem significado ao passado. Pois, segundo Rocha (1982):

> A concepção que um grupo de pessoas tem do seu passado é o que advém de factores determinantes da sua religião, da sua arte e das suas actividades intelectuais para não falarmos do que vêem e ouvem e do que concretamente sentem nas suas experiências diárias". A influência do professor de história sobre as opiniões históricas do aluno é limitada. Os elementos narrativos constantes dos currículos oficiais ou da formação que os professores recebem não passa a salvo para as opiniões históricas dos alunos (Rocha, 1982, p.337).

Na perspectiva de Cerri (2016) a formação da consciência histórica dos alunos depende apenas em parte da escola, precisamos considerar com interesse cada vez maior o papel dos meios de comunicação de massa, da família e do meio imediato em que o aluno vive. O mesmo autor ainda acresce que:

> Após dois séculos de combates pela história, o conhecimento histórico académico logrou tornar-se a principal referência para o pensar historicamente da sociedade, mas o momento exige que se reconheça que não é o único. Há grande influência do meio sociofamiliar e cultural na consciência histórica dos alunos o que pode entrar em contradição com a História escolarizada e provocar uma falta de compreensão e uma aprendizagem parcial e pouco significativa (Cerri,2016, p.10).

Freire (1970) corrobora esta perspectiva ao afirmar que "o aluno e o professor que se relacionam em sala de aula trazem consigo formas de subjectivação construídas anteriormente e para além da sala de aula, desde a família e com a sociedade" (p.143). Assim, reconhece-se que os sujeitos educativos não se constituem exclusivamente no espaço escolar, mas são moldados por experiências prévias e contextos sociais diversos, que influenciam as dinâmicas pedagógicas e os processos de aprendizagem. É necessário considerar que a imagem que temos de outros povos, e até de nós mesmos, está associada à história tal como se nos contou quando eramos crianças. Ela deixa sua marca em nós para toda a existência (Ferro,1970). Maria (2005) salienta que:

> Os alunos aprendem História através de múltiplas vias, nomeadamente: na realidade quotidiana, na tradição, nos grupos de convívio, nas narrativas dos historiadores e dos autores de manuais didácticos, nos conteúdos históricos veiculados pelos meios de comunicação social e mediante as formas de didactização dos conteúdos em sala de aula. Esta diversidade de fontes evidencia que o processo de construção da consciência histórica é plural, contextual e dinâmico (Maria, 2005, p.302).

Neste enquadramento, Heller (1993) atribui um papel central ao grupo, ao afirmar que "a consciência histórica pressupõe o indivíduo existindo em grupo, tomando-se em referência aos demais, de modo que a percepção e a significação do tempo só pode ser colectiva" (p.50). Contudo, apesar de reconhecer o protagonismo do grupo, ela admite que "hodiernamente mais complexos são os pré-requisitos para herdar a consciência histórica, pois além de ouvir e dizer, torna-se necessário saber ler e escrever, interpretar uma variada iconografia, memorizar uma plêiade de referenciais" (Heller, como citado em Cerri, 2010, p. 103).

A interpretação histórica do sujeito "consciência histórica" tem como sustentáculo as suas crenças e preconceitos herdados da tradição, do meio social em que vive e que, pelo que, ao estudar a história o sujeito precisa reconhecer que a nossa interpretação da história é influenciada por preconceitos e que devemos estar abertos a novos entendimentos que desafiem as ideias originais (Gadamer, 2004). A consciência histórica pode ser desenvolvida através da partilha do saber qualitativamente superior que flui das instituições socialmente destinadas à produção do conhecimento

histórico (Universidades, Institutos, etc.) para instituições de divulgação ou de ensino que atingem a população não-especialista e permitem-lhe alcançar, pelo menos de forma razoável, o nível de saber e de estruturas de pensamento que é detido pelos especialistas, ou pela alta classe social ou mesmo nações modernizadas (Gadamer, 2010).

Deste modo, resume-se os agentes que actuam na formação da consciência histórica dos estudantes da seguinte forma:

3.2.1 A escola, as políticas educativas e os currículos escolares

A escola assume uma posição central na formação da consciência histórica, sendo o espaço institucional onde os estudantes têm contacto sistemático com o saber histórico. Os professores desempenham aqui um papel de mediação, promovendo a análise crítica, a comparação de narrativas e o questionamento de fontes. Como defende Rusen (2001), "a consciência histórica deve orientar a acção presente com base na experiência passada" (p.33). Reforçando a importância de um ensino reflexivo que transcenda a memorização dos factos.

Por fim, as políticas educativas e os currículos escolares definem os enquadramentos teóricos e programáticos que orientam o ensino da História. As escolhas temáticas, cronológicas e biográficas reflectem visões específicas do passado, com implicações na formação de consciências históricas. Seixas (2006) alerta para o facto de que "o currículo é sempre uma construção cultural, política e ideológica que reflecte determinadas visões do passado" (p.58), evidenciando a dimensão normativa subjacente às orientações pedagógicas.

3.2.2 Família e a comunidade

Narrativas informais partilhadas no seio familiar ou através de experiências comunitárias contribuem para a construção de memórias e identidades, influenciando a forma como os estudantes se posicionam face a acontecimentos históricos. Halbwachs (1992) sublinha que "a memória colectiva forma-se no interior de grupos sociais que partilham e revivem experiências comuns" (p.38), destacando a força dos laços sociais na preservação e transmissão do passado.

3.2.3 Os meios de comunicação e as redes sociais

Os meios de comunicação e, particularmente, as redes sociais, desempenham um papel cada vez mais influente na construção da consciência histórica. Estes canais fornecem imagens, narrativas e interpretações que, embora nem sempre rigorosas, moldam percepções históricas e criam marcos simbólicos. Pinto (2015) refere que "nem sempre estas representações obedecem a critérios de rigor histórico, podendo induzir interpretações distorcidas ou simplificadas" (p.49), alertando para os riscos da superficialidade informativa no espaço digital.

3.3 INSTITUIÇÕES CULTURAIS E O PATRIMÓNIO HISTÓRICO

As instituições culturais, como museus, arquivos e monumentos, oferecem experiências que permitem aos jovens estabelecer uma ligação directa com o passado. Estas vivências estimulam o desenvolvimento da identidade histórica e valorizam o património como expressão da memória colectiva. Como afirma Lowenthal (1985), "o passado é uma terra estrangeira; nós vemo-lo sempre através das lentes do presente" (p.91), o que exige uma abordagem crítica e contextualizada nas visitas a espaços de memória.

Em função das ideias dos autores apresentados é fundamental considerar a formação da consciência histórica como um processo que não ocorre simplesmente na sala de aula. Pois, o meio em que o aluno vive, os conhecimentos e opiniões que circulam em sua família, na igreja e os meios de comunicação de massa aos quais têm acesso jogam uma enorme influência na construção da sua consciência histórica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

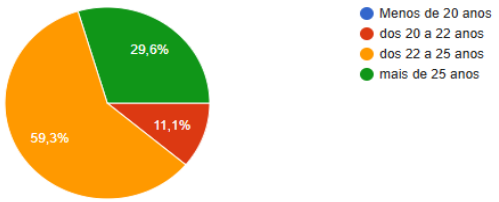
4.1 RESULTADO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES

O questionário aplicado aos estudantes do 4º ano do curso de Ensino de História teve como objectivo recolher dados sobre os factores contextuais e pedagógicos que influenciam a construção da sua consciência histórica.

Parte I: Identificação

Nesta secção procurou-se obter informações relativas a idade dos estudantes e do seu género.

Gráfico 1 Qual é a sua idade?



Fonte: Autor.

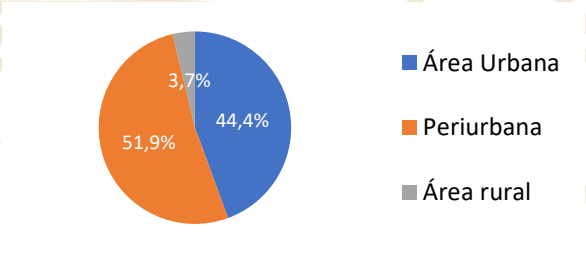
Os dados apresentados no gráfico indicam que a maioria dos estudantes do quarto ano do curso de Ensino de História se encontra na faixa etária dos 22 aos 25 anos (59,3%), o que sugere que grande parte iniciou o ensino superior logo após concluir o ensino médio. Outros 11,1% situam-se entre os 20 e 22 anos, reforçando esta tendência. Contudo, uma percentagem significativa, 29,6%, corresponde a estudantes com mais de 25 anos, o que, de acordo com Ferreira e Lima (2021), pode indicar casos de reingresso académico, estudantes que interromperam os estudos por um período, bem como estudantes trabalhadores e com responsabilidades familiares. As diferentes idades dos estudantes podem traduzir também perspectivas históricas diversificadas: os mais jovens tendem a relacionar os acontecimentos

com o presente imediato, enquanto os mais velhos poderão ter um olhar mais distanciado e crítico sobre o passado, fruto de vivências acumuladas (Pinto, 2018). Por conseguinte, a qualidade da consciência histórica destes estudantes dependerá não apenas da sua idade ou experiências pessoais, mas sobretudo da forma como é organizado o processo de ensino/aprendizagem e das estratégias didácticas adoptadas pelos docentes nas disciplinas de História (Carvalho & Gomes, 2022).

Parte-2 Factores Contextuais

Nesta secção, procurou-se obter dados relativos ao local em que os estudantes vivem, a frequência com que fora do ambiente escolar se envolvem em actividades relacionadas a história, no sentido geral, sobre os agentes com os quais aprendem a história.

Gráfico 2: Onde vives?



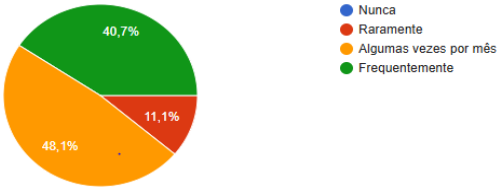
Fonte: Autor.

Os dados do gráfico revelam que 51,9% dos estudantes vivem em zonas periurbanas**,** 44,4% em zonas urbanas e apenas 3,7% em zonas rurais, o que evidencia uma forte concentração de estudantes em centros urbanos e em espaços próximos dos centros urbanos. Esta distribuição geográfica permite inferir que a maioria dos estudantes está inserida em ambientes com maior acesso a diversos agentes formadores de consciência histórica, para além da escola e da família.

Nestes espaços, os estudantes são frequentemente expostos a monumentos e sítios históricos, instituições culturais e científicas, meios de comunicação, redes sociais, museus e bibliotecas, que funcionam como fontes complementares de memória e interpretação histórica. O que está de acordo com o que advoga Rocha (1982), "a concepção que um grupo de pessoas tem do seu passado é o que advém de factores determinantes da sua religião, da sua arte e das suas actividades intelectuais, para não falarmos do que vêem e ouvem e do que concretamente sentem nas suas experiências diárias" (p. 337). A vivência em zonas urbanas e periurbanas potencia, assim, uma consciência histórica mais complexa e multifacetada, moldada pelas experiências quotidianas e pela diversidade de narrativas que os estudantes podem aceder fora do espaço escolar. Estes dados sugerem, portanto, que uma parcela significativa dos estudantes pode construir visões do passado para além da história oficial. Importa ainda destacar que os estudantes oriundos de zonas rurais tendem a ter menor contacto com agentes formadores de consciência histórica, sendo os principais elementos de influência: a comunidade local, os grupos de pertença, a religião e a escola (Sousa, 2020). Porém, a reduzida presença de estudantes oriundos de zonas rurais também merece atenção, pois pode significar desigualdades no acesso à

educação, bem como diferenças no contacto com referências históricas e culturais. Nestes casos, os principais agentes formadores de consciência histórica tendem a limitar-se à comunidade, à religião e à escola, restringindo o universo interpretativo dos estudantes.

Gráfico 3: Com que frequência, fora do ambiente escolar, você se envolve em conversas ou actividades relacionadas à história?

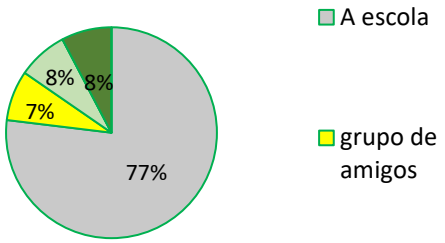


Fonte:Autor.

O gráfico revela que 48,1% dos estudantes participam algumas vezes por mês em actividades relacionadas à História, enquanto 40,7% o fazem com frequência. Apenas 11,1% indicam não se envolver em tais actividades fora da instituição de ensino. Estes dados revelam que a maioria dos estudantes demonstra interesse activo pela aprendizagem histórica para além do espaço formal da escola. A participação regular em palestras, visitas guiadas, debates, exposições e outras actividades culturais proporciona oportunidades de contacto com fontes históricas alternativas e múltiplas interpretações dos acontecimentos passados, o que contribui para o alargamento da consciência histórica dos alunos.

Este envolvimento extraescolar pode permitir aos estudantes construir narrativas históricas próprias, eventualmente distintas das narrativas oficiais, uma vez que entram em contacto com discursos diversificados, vivências locais, experiências intergeracionais e representações socioculturais que influenciam o modo como compreendem o passado (Schmidt & Silva, 2015). Isto concorre para o que advoga Cerri (2016), “a formação da consciência histórica dos alunos depende apenas em parte da escola; precisamos considerar com interesse cada vez maior o papel dos meios de comunicação de massa, da família e do meio imediato em que o aluno vive” (p.55). Não obstante, os dados evidenciam que o ambiente extraescolar desempenha um papel complementar e relevante na formação da consciência histórica dos jovens, mas não é o único o que está de acordo com o que é defendido por Schmidt e Silva (2015), que referem que “a aprendizagem da História envolve múltiplas fontes e experiências para além do espaço formal da sala de aula” (p.62). A História, portanto, é vivida e interpretada não apenas através dos manuais escolares, mas também por meio das narrativas que circulam na sociedade, nas redes sociais, nos média e nas experiências culturais quotidianas.

Gráfico 4: Com quais agentes tu aprendes a história?



Fonte: Autor.

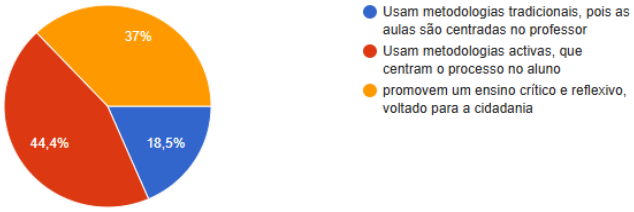
Os dados recolhidos revelam que 77 % dos estudantes identificam a escola como principal agente de aprendizagem histórica, enquanto os restantes mencionam outras fontes como monumentos e sítios históricos, meios de comunicação, redes sociais ou o próprio Estado. Esta prevalência da escola como referência formativa sugere que os estudantes confiam nas instituições de ensino para o desenvolvimento da sua consciência histórica, apesar de admitirem a actuação de múltiplos agentes na formação da sua consciência histórica.

A preferência pela escola como espaço legítimo de acesso ao saber histórico pode estar relacionada com a percepção de falsificações ou distorções nas narrativas veiculadas pelos agentes informais**.** A escola é, portanto, entendida como fonte estruturada, crítica e supervisionada, capaz de transmitir o conhecimento histórico com rigor e intencionalidade didáctica. Este entendimento está alinhado com o pensamento de Gadamer (como citado por Cerri, 2010), segundo o qual hodiernamente a consciência histórica pode ser desenvolvida através da partilha de saber qualitativamente superior originado nas instituições responsáveis pela produção do conhecimento historiográfico, como universidades e instituições de carácter científico. De igual modo, alia-se com o que advoga Heller (como citado por Cerri, 2010) que alude que "nas sociedades contemporâneas, a formação da consciência histórica está dependente de instituições socialmente organizadas para este fim, como escolas, universidades e centros de formação" (p.103). Assim, os dados do gráfico não apenas confirmam a centralidade da escola na aprendizagem da História, mas também revelam que os estudantes reconhecem nela um instrumento legítimo de acesso à memória colectiva, capaz de os proteger da fragmentação e da superficialidade das narrativas informais.

Parte 3: Factores Pedagógicos

Nesta secção, procurou-se recolher informações sobre a forma como os estudantes percepcionam o ensino da disciplina de História, nomeadamente se consideram que os professores estabelecem conexões entre o passado, o presente e o futuro nas suas aulas. Pretendeu-se ainda identificar as actividades pedagógicas que têm sido desenvolvidas no âmbito do processo de ensino-aprendizagem, relacionadas com o conteúdo histórico.

Gráfico 5: Como descreves a forma como os professores ensinam a história?



Fonte: Autor.

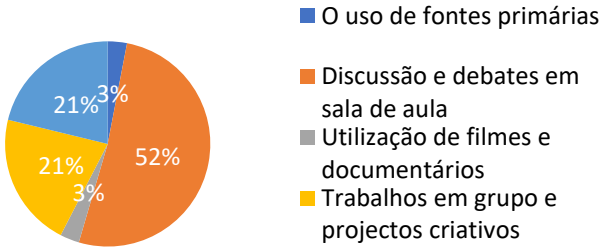
Os dados revelam uma distribuição significativa entre três percepções distintas dos estudantes relativamente às práticas pedagógicas adoptadas pelos seus professores. Cerca de 44,4% dos estudantes reconhecem a utilização de metodologias activas centradas no estudante, enquanto 37% identificam um ensino crítico e reflexivo, orientado para a cidadania. Em contrapartida, 18,5% referem que as práticas pedagógicas permanecem tradicionais, centradas na figura do professor e caracterizadas pela transmissão unilateral de conteúdos.

Esta configuração revela um cenário de transição pedagógica, onde coexistem abordagens inovadoras e práticas convencionais. A predominância das metodologias activas e do ensino crítico-reflexivo sugere uma evolução positiva no sentido de uma educação mais participativa, contextualizada e ética. No entanto, a persistência de práticas expositivas tradicionais em quase um quinto dos casos evidencia que ainda subsiste resistência à mudança, seja por limitações estruturais, falta de formação docente ou por uma cultura institucional enraizada.

A relevância desta divisão torna-se ainda mais evidente quando se considera o impacto das metodologias de ensino na formação da consciência histórica dos estudantes. Pois, apegando-se em Rusen (2001), a consciência histórica não se limita à memorização de factos, mas implica a capacidade de atribuir sentido ao passado através da análise crítica, da contextualização e da reflexão ética. Para que esta consciência se desenvolva de forma plena, é necessário que o ensino promova o confronto de narrativas, a problematização dos discursos hegemónicos e a argumentação histórica-crítica, elementos que dificilmente emergem em ambientes pedagógicos centrados na exposição unilateral.

As metodologias activas, como o estudo de caso, os projectos interdisciplinares, a análise de fontes primárias e o debate orientado, colocam o estudante no centro do processo de aprendizagem. Este protagonismo estimula a autonomia interpretativa, o questionamento histórico e a formação de uma cidadania crítica. Como referem Gomes e Silva (2018), estas práticas não apenas enriquecem o processo educativo, como também contribuem para a construção de sujeitos com elevada consciência histórica.

Gráfico 6: Que actividades têm sido implementadas no processo de ensino/aprendizagem da História?



Fonte: Autor.

Os dados revelam que 52% dos estudantes identificam a discussão e o debate como actividades fundamentais implementadas pelos professores nas aulas de História. Um grupo adicional de 21% refere a realização de visitas guiadas a museus e sítios históricos, enquanto os restantes 21% se dividem entre a feitura de trabalhos em grupo e projectos criativos**,** 3% utilização de filmes e documentários e 3% entende que são utilizadas fontes primárias**.**

A predominância da discussão e do debate como metodologia destaca o esforço dos docentes em fomentar práticas dialógicas e reflexivas, o que está em sintonia com os princípios da educação histórica crítica**,** que valoriza o questionamento, a argumentação e a produção de sentidos históricos por parte dos alunos (Schmidt & Silva, 2015). Ao estimular o confronto de ideias e a problematização dos conteúdos, estas estratégias permitem aos estudantes desenvolver competências interpretativas e consciência temporal contextualizada, elementos essenciais para o desenvolvimento da consciência crítica e genética.

O envolvimento dos estudantes em visitas guiadas, trabalhos em grupo e experiências audiovisuais representa um conjunto de metodologias activas que favorecem o contacto directo com as fontes históricas, com espaços de memória e com narrativas alternativas. Estas práticas promovem a construção de contra-narrativas e desafiam os discursos oficiais, permitindo aos estudantes posicionar-se como produtores do seu próprio conhecimento histórico (Rusen, 2001). Tal como defende Maria (2005), "essas novas formas de captação e didactização dos conteúdos no processo de ensino e aprendizagem da História podem contribuir para o desenvolvimento da consciência histórica crítico-genética" (p.88). Do mesmo modo, vai de encontro com o entendimento de Rusen (2001), a elevação da consciência histórica exige metodologias que valorizem a reflexão crítica, o diálogo entre temporalidades e a transformação dos saberes históricos em instrumentos de compreensão do presente e projecção do futuro. Pelo que, em função das respostas apresentadas pelos estudantes compreende-se que os professores usam metodologias de ensino que ajudam a elevar a consciência histórica dos estudantes.

É importante sublinhar que, embora a percentagem dos estudantes que mencionam práticas como projectos criativos, uso de fontes primárias seja menor, estas actividades representam potencialidades didácticas que devem ser mais exploradas. Elas possibilitam múltiplas formas de

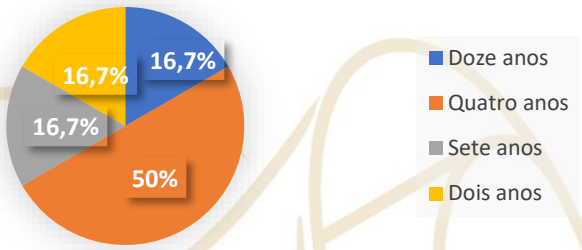
expressão e interpretação da História, articulando saber académico com experiências culturais e sociais dos estudantes.

4.2 RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Parte-1: Identificação

Nesta secção, procurou-se obter dados sobre a disciplina que cada professor lecciona, o seu nível académico e o tempo de serviço no ensino superior.

Gráfico 7: Há quantos anos leccionas no ensino superior?



Fonte: Autor.

O gráfico revela que a amostra docente é composta por **seis professores**, com os seguintes níveis de experiência no ensino superior: 12 anos (um professor); 7 anos (um professor); 4 anos (três professores); 2 anos (um professor).

Estes dados demonstram uma diversidade de perfis profissionais, o que constitui um elemento valioso para a investigação. A presença de docentes com experiência acumulada, especialmente aquele com 12 anos de serviço**,** permite ao investigador aceder a práticas consolidadas de ensino histórico, bem como reflexões pedagógicas amadurecidas sobre o papel da História na formação dos estudantes.

De acordo com Schmidt e Silva (2015), "a experiência docente constitui um dos factores-chave que influenciam a escolha das estratégias metodológicas e a profundidade das abordagens históricas em sala de aula" (p.65). Professores com maior trajectória tendem a articular melhor os conteúdos históricos com a realidade dos estudantes, promovendo processos de aprendizagem mais significativos e favorecendo o desenvolvimento da consciência histórica crítica e genética, considerada por Rusen (2001) como o estágio mais elevado de maturidade interpretativa. Segundo Rusen (2001), este tipo de consciência “requer práticas didácticas que estimulem o confronto entre narrativas, a análise crítica de fontes e a construção de contra-narrativas” (p.46). É razoável admitir que docentes mais experientes dominam melhor estes processos, reconhecem os desafios da prática pedagógica e ajustam a sua didáctica para fomentar a autonomia interpretativa dos estudantes.

No entanto, os professores com menos anos de experiência (2 a 4 anos) também representam um segmento estratégico, particularmente por estarem em processo de consolidação profissional e por trazerem perspectivas inovadoras e maior abertura à experimentação metodológica (Ferreira e Sousa,

2018). A convivência entre diferentes gerações de docentes pode favorecer o intercâmbio de práticas e enriquecer o ambiente pedagógico.

Parte 2: Compreensão dos professores sobre os agentes que actuam na formação da consciência histórica dos estudantes

Nesta secção, procurou-se obter dados sobre a compreensão que os professores possuem sobre os agentes que actuam na formação da consciência histórica dos estudantes.

Gráfico 8: Como os alunos constroem as suas narrativas históricas?



Fonte: Autor.

O gráfico mostra uma divisão equitativa na percepção dos seis professores inquiridos sobre o modo como os estudantes constroem as suas narrativas históricas: 33, 3 % (dois professores) aludiram que os estudantes baseiam-se em fontes variadas e constroem contra-narrativas; 33,3% (dois professores) consideram que os estudantes reproduzem as narrativas dos livros didácticos e 33,3% (dois professores) advogam que os estudantes baseiam-se nos conhecimentos adquiridos pela mídia, igreja e no seio familiar sem os questionar. A disparidade nas respostas demonstra que, na opinião dos professores, os estudantes acedem ao conhecimento histórico através de fontes formais e informais, sendo influenciados não só pela escola, como também pelo meio familiar, religioso, mediático e cultural. Esta pluralidade de agentes formativos implica que a consciência histórica dos estudantes se constrói de forma fragmentada, podendo oscilar entre uma postura crítica e a reprodução passiva de discursos consolidados. Neste contexto, é essencial reconhecer que a influência da escola e, em particular, do professor sobre a construção da consciência histórica dos estudantes é parcial.

Como defende Cerri (2016), "embora o conhecimento histórico escolar tenha adquirido legitimidade como referência académica, é necessário admitir que não é o único ponto de contacto para o pensar historicamente" (p.52). Outros espaços socioculturais desempenham papéis relevantes neste processo. Assim, o desafio que se impõe ao professor de História é o de a partir da consciência histórica já existente no estudante, que é formada pelas suas vivências e pelas representações que circulam no meio onde estão inseridos, é o de elevar essa consciência para níveis mais sofisticados, como a consciência crítico-genética.

Resultados da análise dos resultados dos dados obtidos a partir observações feitas em sala de aula

A observação teve como propósito analisar se as formas organização do processo de ensino e aprendizagem adoptadas pelos professores de História contribuem para o desenvolvimento de quais níveis de consciência histórica entre os estudantes do 4.º ano do curso de Ensino de História, bem como identificar a partir das narrativas históricas que os estudantes constroem em sala de aula os agentes que influenciam a construção das suas narrativas históricas.

Para tal, foram acompanhadas quatro aulas, duas em cada regime, durante o mês de Maio, no Instituto Superior de Ciências de Educação do Huambo.

A observação directa das aulas permitiu identificar os factores que influenciam a construção da consciência histórica dos estudantes e compreender as características dessa consciência. Neste sentido, relativamente aos objectivos, constatou-se que os professores estabelecem com clareza os objectivos das aulas e procuram cumpri-los ao longo do processo de ensino e aprendizagem. No entanto, a sua não partilha explícita com os estudantes tem limitado o envolvimento crítico e consciente destes no processo de ensino/aprendizagem. Ainda assim, os objectivos revelaram-se, na maioria dos casos, orientados para o estímulo do pensamento crítico, sendo comum a sua articulação com uso do método interrogativo, o que favorece a reflexão sobre os conteúdos abordados e a formação de uma consciência histórica crítica entre os estudantes.

No que concerne aos conteúdos, eles são trabalhados a partir de diversas fontes bibliográficas, o que fomenta a construção de narrativas alternativas à história oficial. Esta abordagem crítica manifesta-se nas intervenções dos estudantes, que demonstram capacidade argumentativa e reflexiva. Contudo, observa-se uma predominância de fontes secundárias e terciárias, como livros e artigos científicos, sendo escassa a utilização de documentos primários, o que limita o contacto directo com os vestígios históricos originais. Quanto a articulação entre passado, presente e futuro, as aulas evidenciam uma preocupação em relacionar os acontecimentos históricos com a realidade actual, promovendo nos estudantes uma compreensão mais profunda do impacto da História na sociedade contemporânea e nas suas próprias vivências.

Foi registada a aplicação de metodologias activas, como a aprendizagem por projectos e o estudo de caso, complementadas por abordagens mais tradicionais, nomeadamente o uso do fascículo como recurso central. Esta diversidade enriquece o processo formativo, embora se recomende um maior equilíbrio e inovação nas práticas pedagógicas. Relativamente a articulação entre passado, presente e futuro, nas aulas observadas percebeu-se que os professores incentivam o pensamento crítico e o envolvimento dos estudantes na análise de problemáticas sociais que afectam Angola e o continente africano o que contribui para o fortalecimento da consciência cívica e a formação de cidadãos mais informados e comprometidos com os seus contextos. Além disso, os estudantes são

estimulados a identificar causas e consequências dos fenómenos históricos e a estabelecer conexões entre diferentes períodos. A sua participação activa revela competências analíticas e contributos reflexivos consistentes. Não obstante, constatou-se que nas suas intervenções os estudantes apresentam informações ou dados históricos baseando-se em diversas fontes como a família, a comunidade, os meios de comunicação social, redes socias e fontes bibliográficas.

4.3 TRIANGULAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise triangulada dos dados empíricos recolhidos revela uma compreensão multifacetada dos agentes que intervêm na formação da consciência histórica dos estudantes. Os dados provenientes dos questionários indicam que, embora os alunos reconheçam a escola como o principal agente formador da sua consciência histórica, atribuem também um papel significativo a outros agentes, nomeadamente a família, a comunidade, a igreja, a internet e os meios de comunicação social.

Por outro lado, os dados obtidos através da observação de aulas evidenciam que a organização pedagógica do processo de ensino/aprendizagem e os materiais didácticos utilizados exercem uma influência determinante na construção da consciência histórica dos alunos. As práticas docentes observadas revelam ainda que, durante as intervenções em sala de aula, emergem múltiplas referências a agentes externos, como fontes bibliográficas, meios de comunicação social, internet, família, comunidade e igreja, reforçando a ideia de que a formação da consciência histórica é um processo dinâmico e plural.

A triangulação destes dados permite concluir que a consciência histórica dos estudantes é moldada por uma rede complexa de influências, onde a escola desempenha um papel central, mas não exclusivo, sendo complementada por diversos agentes sociais e culturais que interagem no quotidiano dos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Com base nos dados empíricos recolhidos, conclui-se que a escola constitui o principal agente na formação da consciência histórica dos estudantes do quarto ano do curso de Ensino de História. No entanto, esta não actua de forma isolada. Outros agentes, como a família, a comunidade, a religião, os meios de comunicação social e a internet, desempenham igualmente um papel relevante neste processo formativo, contribuindo de forma significativa para a construção de múltiplas perspectivas históricas. Não obstante, conclui-se que a presença destes diversos agentes, embora enriquecedora, condiciona também a forma como os estudantes interpretam os acontecimentos históricos, o que representa desafios importantes para os docentes. Entre esses desafios destacam-se a necessidade de identificar preconceitos, mitos e crenças erróneas que os alunos transportam para o espaço escolar, bem como de

lidar com lacunas na compreensão histórica e com os condicionalismos socioculturais que influenciam a percepção dos discentes sobre o passado.

Tendo em conta a diversidade de agentes que actuam na formação da consciência histórica dos estudantes, recomenda-se aos professores de História do ISCED-Huambo que valorizem e analisem com minuciosidade os diversos saberes históricos trazidos para a sala de aula pelos estudantes, de modo a identificarem preconceitos, mitos e erros de interpretação que estes transportam consigo. Não obstante, é necessário que os professores se aperfeiçoem continuamente, pois só assim poderão corresponder às diversas expectativas que os estudantes levam para a sala de aula, em função das curiosidades que desenvolvem através da aprendizagem de conhecimentos históricos fora do recinto escolar. Os professores devem recorrer a múltiplas fontes didácticas para desenvolver, junto dos estudantes, diferentes perspectivas sobre um mesmo acontecimento histórico, bem como explorar o método de produção do conhecimento histórico em contexto de sala de aula. Desta forma, será possível elevar a consciência histórica dos estudantes ao nível genético.

REFERÊNCIAS

Chipepe, E.M. (2025). A Formação de valores democráticos no processo de ensino/aprendizagem da história. ISCED-Huambo.

Cerri, L. F. (2010). *Ensino de História e consciência histórica: Implicações didácticas de uma discussão contemporânea*. Editora FGV.

Cerri, L. F. (2016). Educação histórica e consciência crítica: Entre a escola e a cultura. *Revista Brasileira de História da Educação, 16*(3), 45–62. https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/34

Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2010). *Projecto de pesquisa: Abordagens qualitativas, quantitativas e métodos mistos* (5.ª ed.). Sage Publicações.

Demo, P. (2000). *Educação e qualidade: O desafio das práticas pedagógicas*. Autores Associados.
Ferro, M. (1981). *Falsificações da História*. Europa-América.

Ferreira, L., & Lima, R. (2021). Perfil etário e desafios educacionais no ensino superior. *Revista Educação Contemporânea*, *17*(3), 45–60. https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/educacao/article/view/6521

Freire, P. (1970). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.

Gadamer, H.-G. (2004). *Verdade e método* (2.ª ed.). Continuum.

Gil, A. C. (2010). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6.ª ed.). Atlas.

Halbwachs, M. (1992). *A memória colectiva*. University of Chicago Press.

Heller, A. (1993). *A História e a vida quotidiana*. Paz e Terra.

Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5.ª ed.). Atlas.

Lowenthal, D. (1985). *O passado é um país estrangeiro*. Cambridge University Press.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2009). *Fundamentos de metodologia científica* (6.ª ed.). Atlas.

Minayo, M. C. S. (2001). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (19.ª ed.). Vozes.

Pinto, M. C. (2015). *Educação histórica e consciência histórica: Fundamentos e desafios*. Edições Afrontamento.

Pocinho, M. T. S., & Matos, F. N. (2022). *Metodologias de pesquisa e de investigação*. Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra.

Rocha, M. (1982). *Memória e identidade social: Elementos para uma sociologia da História*. Edições Cultura & Sociedade.

Rusen, J. (2001). *Razão histórica: Teoria da História*. Editora da Universidade de Brasília.

Schmidt, M. A., & Silva, R. L. (2015). História pública, memória e práticas educativas. *Revista Lusófona de Educação, 32*(1), 59–73. https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5282

Seixas, P. (2006). A consciência histórica dos jovens: Uma revisão da literatura. In P. Seixas (Org.), *Teorizando a consciência histórica* (pp. 121–139). University of Toronto Press.

Sousa, A. (2020). Educação e memória nas zonas rurais. *Revista Interdisciplinar de Ciências Sociais, 14*(1), 73–85.